



CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO SALGADO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

LUCAS YCARO AMÂNCIO SILVA

EDUCAÇÃO FÍSICA E INCLUSÃO: UMA NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA

ICÓ - CEARÁ
2022

LUCAS YCARO AMÂNCIO SILVA

EDUCAÇÃO FÍSICA E INCLUSÃO: UMA NARRATIVA (AUTO)BIOGRAFICA

Artigo submetido à disciplina trabalho de conclusão de curso do curso de licenciatura em Educação Física do Centro Universitário Vale Do Salgado (UNIVS) a ser apresentado como requisito para obtenção do título de graduado em Educação Física

.

Orientador: Prof. Me. Evandro Nogueira de Oliveira

LUCAS YCARO AMÂNCIO SILVA

EDUCAÇÃO FÍSICA E INCLUSÃO: UMA NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA

Artigo submetido à disciplina trabalho de conclusão de curso do curso de licenciatura em Educação Física do Centro Universitário Vale Do Salgado (UNIVS) a ser apresentado como requisito para obtenção do título de graduado em Educação Física

Aprovado em / /

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Evandro Nogueira de Oliveira
Orientador

Prof. Me. Érika Suyanne Sousa Silva
Membro

Prof. Esp. Maria Socorro Silva
Membro

EDUCAÇÃO FÍSICA E INCLUSÃO: UMA NARRATIVA (AUTO)BIOGRAFICA

PHYSICAL EDUCATION AND INCLUSION: A (AUTO)BIOGRAPHIC NARRATIVE

Lucas Ycaro Amâncio Silva

Evandro Nogueira de Oliveira

RESUMO

A inclusão no ambiente escolar é um processo que necessita ser trilhado na contemporaneidade. Sendo assim, é de extrema necessidade pensar numa educação – ou modelo educacional – que inclua a todos sempre que possível. Neste sentido, esta pesquisa tem como objetivo central refletir, a partir de uma narrativa (auto) biográfica, sobre o processo de inclusão no espaço escolar. A pesquisa de caráter qualitativo buscou no método autobiográfico pensar em uma perspectiva singular para o despertar novos olhares na educação e educação física. Os resultados mostram que inclusão e educação inclusiva são respectivamente, a capacidade que o ser humano tem em se reconhecer no outro, pois a educação inclusiva acolhe todas as pessoas, sem exceção. Esse artigo apontou que processos de exclusão ocorrem nas aulas de educação física, geralmente, motivadas pelo biótipo ou condições fenotípicas, mas também mostra, a partir de uma reflexão crítica, possibilidades existentes para uma educação inclusiva, como é o caso do jogo como estratégia didática e pedagógica. Acreditamos, nesse sentido, que outras pesquisas devam ser construídas e contadas por outros sujeitos que vivenciam o processo educacional, principalmente por outros professores que compreendem, agora como docentes, a necessidade de incluir a diversidade de pessoas, habilidades, formas e jeitos de fazer a escola.

Palavras-chave: Educação. Educação Física. Inclusão.

ABSTRACT

Inclusion in the school environment is a process that needs to be followed in contemporary times. Therefore, it is extremely necessary to think of an education – or educational model – that includes everyone whenever possible. In this sense, this research has as its central objective to reflect, from a (auto)biographical narrative, on the process of inclusion in the school space. The qualitative research sought in the autobiographical method to think in a singular perspective to awaken new perspectives in education and physical education. The results show that inclusion and inclusive education are, respectively, the ability that the human being has to recognize himself in the other, as inclusive education welcomes all people, without exception. This article pointed out that exclusion processes occur in physical education classes, generally motivated by the biotype or phenotypic conditions, but it also shows, from a critical reflection, existing possibilities for an inclusive education, such as the game as a didactic strategy. and pedagogical. We believe, in this sense, that other researches should be built and told by other subjects who experience the educational process, especially by other teachers who understand, now as teachers,

the need to include the diversity of people, skills, forms and ways of doing things. the school.

Keywords: Education. Physical Education. Inclusion.

INTRODUÇÃO

O processo de inclusão é uma tarefa árdua e um dos caminhos a ser trilhado na contemporaneidade. Sendo assim, é de extraordinária necessidade incluir todos os indivíduos, sempre que possível no processo de socialização e educação independentemente de raça, cor, sexo, cultura e diferenças individuais. Assim a Declaração de Salamanca (1994) prevê que:

Escolas regulares que possuam tal orientação inclusiva constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias criando-se comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando educação para todos; além disso, tais escolas proveem uma educação efetiva à maioria das crianças e aprimoram a eficiência e, em última instância, o custo da eficácia de todo o sistema educacional (p. 09)

No âmbito escolar esta perspectiva deve ser devidamente efetivada, uma vez que, a mesma trabalha com os mais variados tipos de sujeitos, e trata-se de um local onde os indivíduos que fazem parte dela devem se sentir aceitos e protegidos. Dessa forma, a escola que trabalha sob uma orientação inclusiva proporcionará uma formação social efetiva e de qualidade tanto aos seus alunos, quanto a comunidade escolar, conseqüentemente a sociedade.

As discussões a partir de uma perspectiva inclusiva, necessita de olhares direcionados, uma vez que está temática abrange horizontes difíceis de serem refletidos em um só estudo. A escola, ao mesmo passo, necessita de professores dinâmicos, dispostos a ensinar para a diversidade, sem selecionar estereótipos para as atividades do cotidiano escolar. Entretanto, muito além dos muros escolares, existe um imaginário social que envolve os sujeitos, por suas diferenças, e, que por muitas vezes refletem no ambiente escolar, principalmente no que diz respeito ao papel de homem e mulher.

Assim, acreditamos que todos têm o direito a uma educação de qualidade, e que isso não seja feito através da seleção de diferenças ou condições. A escola é uma das responsáveis pela formação de um cidadão ativo socialmente, fazendo

deste aluno um sujeito capaz de criar seu próprio futuro. Deste modo, surge a necessidade de verificar a importância de uma prática para uma pedagogia inclusiva pautada na pluralidade. Sabendo da existência dessas questões diversas, no entanto, nesse estudo focaremos nosso olhar nos caminhos percorridos pelas vivências do sujeito. Assim sendo, levantamos a seguinte questão: Quais elementos contidos em uma narrativa (auto)biográfica podem auxiliar para se pensar o processo de inclusão no espaço escolar? A partir dessa problemática buscaremos tecer reflexões sobre a inclusão para a educação. Com isso, esse artigo tem como objetivo central refletir, a partir de uma narrativa (auto) biográfica, sobre o processo de inclusão no espaço escolar.

Para alcançar este objetivo esta pesquisa de cunho qualitativo, conhecida por englobar dados que são coletados de maneira narrativa, como entrevistas, questionários abertos que não são codificadas utilizando um sistema numérico e é usado para entender as razões, opiniões e motivações subjacentes. Já método de narrativa autobiográfica inclui em sua construção pessoal o sentido composto das experiências de vida e fazem aflorar indênitários da inserção dos indivíduos nos grupos sociais. Ferraroti (2010) é um dos investigadores que reivindica a autonomia do método biográfico, ou seja, considera as narrativas biográficas como suficientes para compor uma pesquisa legítima e aponta para a necessidade de uma renovação metodológica.

2. REVISÃO DE LITERATURA

3.1. INCLUSÃO E A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Uma nova tendência surge na educação – inclusiva – o que pode gerar divergências entre os professores que apresentam dificuldades de trabalhar com os diversos tipos de alunos, onde segundo Chicon (2008) esses apresentam as mais diferentes formas de habilidades, capacidades, comportamentos e histórias de vida.

O processo de inclusão é rodeado por dificuldades, uma vez que esta no âmbito escolar busca selecionar e ovacionar “os melhores”. A partir deste pensamento, pensamos que inclusão deve ser uma realidade que deve estar presente em todas as instituições de ensino, uma vez que a mesma envolve dinamismo, mudanças de atitudes e muita reflexão em torno da escola e da sociedade (CARVALHO, 1998). Os profissionais da educação devem está

inteiramente atentos as suas práticas pedagógicas, não permitindo em hipótese alguma que aconteça o ato de desrespeito, preconceito e exclusões entre os alunos, portanto, esta interferência não fica a cargo somente do professor, mas sim de toda comunidade escolar.

O importante de trabalhar com a inclusão é fazer com que a diversidade seja encarada como algo comum e natural. Onde, tudo faz parte de um diálogo que precisa ser mantido entre professor e aluno, ou seja, fazer com que o aluno entenda que conviver com as diferenças é respeitar o próximo e a si mesmo.

Para que as práticas inclusivas sejam mais efetivas, a participação do aluno deve ser de forma espontânea e de maneira lúdica, para isso, o professor deve apresentar diversas atividades que exijam a participação de todos, de modo flexível, fazendo com que o aluno construa a sua própria identidade. Corroborando com esta afirmativa Santos-Lima (2010) diz: “No cotidiano escolar, o professor é o profissional que mais está envolvido com as crianças em situação de inclusão. Cabe a ele a responsabilidade maior pela educação e inserção da criança no contexto socioeducativo.” (p. 07)

O aluno precisa vivenciar as relações humanas em sua totalidade, para que se desenvolva através dos conteúdos, um indivíduo capaz de entender os problemas sociais buscando soluções e alternativas de mudanças, que possibilitem um desenvolvimento integral deste aluno, no que diz respeito aos aspectos sociais, afetivos, cognitivos e motores.

Sendo assim, é de suma importância procurar tomar conhecimento quem é o aluno, pois esse processo faz enorme diferença e facilita o ensino. Questões tais como: Qual meio social ele estava inserido? Quem é ele? Quais costumes ele tem? Podem facilitar o trabalho do professor-aluno e aluno-professor. Brasil (citado por Aguiar e Duarte (2005) indicam em seus objetivos que:

Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito; conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais BRASIL (apud AGUIAR E DUARTE, 2005, p.225).

A educação é sem dúvidas o meio formador pelo qual pode desenvolver no aluno um pensamento crítico, reflexivo e autônomo, fazendo do educando um ser ativo socialmente. Portanto as atividades em sala de aula necessitam de um saber sensível do alunos e que este respeite as diferenças dos outros. Ratificando, Silva (1996) diz :

A escola e, em particular, a sala de aula, é um lugar privilegiado para se promover a cultura de reconhecimento da pluralidade das identidades e dos comportamentos relativos a diferenças. Daí, a importância de se discutir a educação escolar a partir de uma perspectiva crítica e problematizadora, questionar relações de poder, hierarquias sociais opressivas e processos de subalternização ou de exclusão, que as concepções curriculares e as rotinas escolares tendem a preservar. (SILVA, 1996, p. 49).

É neste meio em que o professor torna-se mediador no ensino da diversidade impulsionando o aluno a ser um indivíduo capaz de aceitar ao próximo independente das suas diferenças. Destarte, é imperativo que a sala de aula seja um ambiente propício a discussões como aceitação das diferenças.

Introduzir questões sociais para serem discutidas em sala de aula, é exercício que pode ajudar e muito na formação cidadã, fazer com que os alunos se sintam atraídos e posicionem-se de forma crítica por temas tais como: diversidade, os problemas sociais, política, entre outros, é um passo primordial na formação de qualquer sujeito. Esta formação além de proporcionar o desenvolvimento de um sujeito autônomo é transformadora de um pensamento social que corresponde no caso, ao imaginário da sociedade oprimida, pois cada indivíduo que participa do processo de formação crítica passa a ver um novo contexto social, diferente daquele em que estava inserido. Os alunos dessa forma são atingidos por uma nova visão reflexiva da sociedade com a ajuda do professor.

A educação está se reinventando rumo à inclusão. O professor como mediador nesse processo é de suma importância para a aprendizagem e formação do aluno enquanto sujeito ativo e transformador da sociedade. Este deve ser visto como um ser confiável ao aluno, pois só assim o educando conseguirá transmitir os seus reais valores, desta forma, caso contrário “não haverá processo de intervenção para a aprendizagem consistente se, por medo ou insegurança, o aluno esconder seu processo de pensamento, evitando internalizá-lo” (TACCA, 2006a, p. 50).

2.2. O JOGO COMO UMA FERRAMENTA PARA A EDUCAÇÃO

Tem-se discutido demasiadamente em estudos, sobre a forma de tratar os conteúdos em sala de aula. A maioria destes buscam um meio de abordar o conhecimento de forma interativa, não se tornando um processo enfadonho para o aluno. Pensar em uma aula dinâmica, participativa e criativa é um caminho a ser seguido para o profissional que almeja se tornar um bom professor na contemporaneidade. Desta forma, encontra-se disponível um vasto acervo bibliográfico que mencionam o jogo como ferramenta pedagógica e meio para facilitar o aprendizado, tornando-o mais interacionista. Desta forma Fortuna (2000) nos diz sobre o jogo:

O primeiro efeito que o jogo imprime quando presente nas reflexões educacionais é estimular o paradoxo e a incompletude própria da atividade criativa antevistos na liberdade dos conceitos, já que não suporta a restrição de definições estanques. (p. 148).

Entretanto, a ideia de inserir o jogo como instrumento para facilitar o mecanismo de ensino-aprendizagem ainda não é visto com o seu devido valor educativo, pois o brincar está associado a “apenas como forma de fuga ou distração, não lhe sendo conferido o caráter educativo, não sendo considerado como um meio de aprender” (Silva e Santos, 2009). Ainda, observamos a sala de aula organizada em uma perspectiva tradicional, ou seja, na maioria das vezes são organizadas em fileiras, onde os estudantes portam-se com extrema cautela diante do olhar de repressão da figura do professor, como descreve a visão de pan-óptico, apresentada por Foucault. Esta educação segundo Paulo Freire assume uma condição de educação bancária, pois as relações estabelecidas nestas são tidas como narradoras e dissertadoras.

Narração de conteúdos que, por isto mesmo, tendem a petrificar-se ou a fazer-se algo quase morto, sejam valores ou dimensões concretas da realidade. Narração ou dissertação que implica num sujeito – o narrador – e em objetos pacientes, ouvintes – os educandos. (FREIRE, 1981, p.65)

Nesta conjuntura, sente-se a necessidade de migrarmos à caminho de uma ação participativa e conjunta do professor e aluno, esse estabelece-se como o caminho mais coeso para uma “revolução da educação”. Pois, é importante considerar que a escola é muito mais do que se é aprendido na sala de aula, já que

existem anseios para além dos seus muros. Assim é importante considerar também essa como parte da nossa vida, conforme nos diz Soares (1996), que mesmo não sendo o prazer e a alegria objetivo da escola, estes são sentimentos presentes durante toda essa caminhada, não sendo apenas uma instituição para a preparação para o futuro, mas como momento da vida do ser. Portanto, o jogo neste processo funcionará como fator primordial no ensino dos conteúdos promovendo o prazer ao aprender.

Precisamos assim, de uma escola que apresente um quadro pautado em metodologias e planejamentos participativos. Neste processo é imprescindível a figura do professor comunicador, que desperte no aluno a vontade de interagir durante a aula. Para Gutiérrez (1998, p. 75) “Educação e comunicação são o mesmo processo de co-participação, de co-produção, de co-entendimento e co-munhão”, desta forma, pensar em uma práxis voltada para a comunicação entre os elementos da sala de aula é sem dúvidas ir além do que se é proposto. Ainda para Gutiérrez diz que para melhorar o processo educativo é essencial aumentar a comunicação.

Para tanto, exige-se ainda mais da figura do professor, este deve estar em constante reflexão da sua ação. O processo da ação-reflexão-ação permite o professor analisar e assimilar a melhor estratégia para o ensino do conteúdo. Desta forma registrar os acontecimentos pode se destacar como uma ferramenta singular neste processo. Assim como descreve Freire (1993, p. 56) “A prática de registrar nos leva a observar, comparar, selecionar, estabelecer relações entre fatos e coisas.” Desta forma o registro nos permite uma ação mais efetiva durante o processo de intervenção.

Neste processo participativo, destacamos o jogo como elemento facilitador. Pensar no jogo, na brincadeira e no brinquedo como parte da construção do conhecimento no ensino básico é uma tarefa difícil, pelos fatores mencionados anteriormente e pelo imaginário criado em volta deste, porém possível. Neste processo queremos, contudo, pensar em uma ação didática que considere o aluno como produtor de conhecimento e que a sua herança cultural surja como elemento preponderante nas aulas. Freire (1993) nos diz que devemos reconhecê-las e respeitá-las, porém que isto não significa nos adaptarmos a elas. Desta forma, implica dizer que quanto mais estímulos culturais obtivermos mais diversidade na criação teremos.

É nesse contexto que o jogo ganha um espaço como ferramenta ideal da aprendizagem, na medida em que propõe estímulo ao interesse do aluno. O jogo ajuda-o a construir suas novas descobertas, desenvolve e enriquece sua personalidade e simboliza um instrumento pedagógico que leva o professor à condição de condutor, estimulador e avaliador da aprendizagem. (Antunes 2002, p. 36)

A relação jogo e educação nos possibilitarão uma visão panorâmica e maiores possibilidades para a avaliação das nossas ações, e das aulas no processo de ensino-aprendizagem durante a intervenção pedagógica.

Contudo, o professor não pode e não deve ser “dono” conhecimento, na proposta metodológica reflexiva a partir do jogo, todos devem intervir na brincadeira, compartilhando as suas propostas, a fim de trocar vivências e possibilitar que cada indivíduo se aproprie de sua cultura na realização das atividades, em uma espécie de construtivismo.

Para isso pensar em estratégias pautadas na cooperação é de suma importância. Portanto, nos escritos que seguem apresentamos um enfoque cooperativo para os jogos. Acreditando nos seus inúmeros valores que vão desde a interação com o outro a valorização de ações sociais.

3. NAS LINHAS DA HISTÓRIA: UMA NARRATIVA DE VIDA

O processo de inclusão/exclusão é atravessado por diversos sentimentos. O sujeito que se sente excluído, de alguma forma, sente-se posto para fora dos “parâmetros e das normas que regem as relações sociais, é não apenas marginalizar e sim desconsiderar a existência humana. Excluir significa criar e perpetuar condições sociais que tornam permanente o ato de morrer.” (BONETI, 1988, p. 15). Dessa forma, podemos observar na fala do sujeito alguns momentos importantes que mostram esse processo de exclusão, especialmente na prática esportiva.

*1 - A pratica da atividade física pra mim sempre foi complicada desde minha iniciação na infância por falta de um desenvolvimento motor,
2 - Já havia uma falha na minha habilidade em realizar algum tipo de movimento ou algo relacionado a minha destreza motora. Era uma característica muito estranha pelo fato de me identificar com a pratica e em não conseguir realizar a atividade.*

3 – Meu Porte Físico também afetava minhas relações, isto é, minha baixa estatura, corpo franzino parecia que não se encaixava às modalidades esportivas [futsal] e por mais que eu me esforçasse em fazê-las, não bastava, não eram suficientes.

Podemos perceber na fala do sujeito que o receio de não ser aceito pelo grupo, ou, de forma específica, não ser incluso pelas práticas pedagógicas do professor o faziam se afastar cada vez mais das aulas de Educação Física, este fato por ser observado nos estudos de Teixeira (2009, p.??) que diz que é necessário também atentar às capacidades físicas de cada aluno e transmitir aos demais alunos o respeito a essas individualidades. O autor aponta que, neste caso, “uma alternativa possível é a adequação das regras de forma que permita aos menos hábeis igualdade de condições de participação.” (idem, p.??)

Nesse contexto educacional mostra pequenas falhas ao ponto de criar barreiras puxadas pelo padrão físico. O sujeito se manifesta em relação a não ter um porte atlético, e com isso, constrói se certo tipo de preconceito em relação aos outros colegas, causando um desconforto e a perda do interesse entre as atividades. Dessa forma, podemos observar na fala do sujeito alguns momentos importantes que mostram desconforto em seu biótipo.

4 - E com isso [como meu corpo era visto] foi criando uma barreira e em alguns momentos essa exclusão aparecia tão forte, que eu não sabia distinguir se vinha dos outros ou de mim mesmo.

11 - Essa exclusão vinha acompanhada de adjetivos negativos ao meu respeito, como: “baixinho”, “fraco” ou “perna de pau”.

É de concordância com o sujeito que até hoje vivemos em um mundo de padrões que contam para o aperfeiçoamento e qualquer evolução nas aulas de Educação Física, essa circunstância pode ser relatado no estudo do de Lopes et al. (2017) que diz: Vivemos atualmente em um contexto global em que a cultura influencia diretamente na visão e no comportamento dos indivíduos. A sociedade modela o corpo através das relações sociais e culturais, controlando seus usos e comportamentos. Desta entendemos que, intervenções baseadas no jogo, onde

pessoas de diferentes condições e proporções corporais pudessem participar seria talvez um dos caminhos pedagógicos possíveis.

Há momentos de exclusão hierárquicos, ou seja, no decorrer do processo os profissionais pela metodologia da escola e da competitividade irão “escalar” os melhores para sua representação, causando isso uma forma negativa em todo seu sistema educacional. Sendo assim, percebe-se no relato do sujeito alguns momentos importantes que mostram esse processo de exclusão.

7 - Penso que aos profissionais da área falte essa busca pelo real valor da profissão, por isso, quando não se sabe o real sentido de incluir, no interior das práticas pedagógicas são criadas uma hierarquia onde só os melhores participam.

8- O assunto sobre a inclusão e exclusão é de extrema importância pra mim. Pois, foi um fato que senti na pele quando estava no ensino fundamental.

10- Quando o professor deixava a separação das equipes e grupos, por conta dos alunos, nas aulas de educação física, sempre fui deixado por último na escolha, pois meu tamanho e porte físico não eram adequados, na visão dos demais, a tais atividades, sempre deixados de lado.

Podemos perceber que a maioria das crianças e adolescentes sente-se afastados por não terem corpos atléticos independente do sexo, isso acaba gerando um rejeição na área, como é revelado no estudo de Marques et al. (2016).

Revela que a insatisfação da imagem corporal pode estar presente em adolescentes, mesmo quando o Índice de Massa Corporal (IMC) destes, encontra-se em um padrão de normalidade, sem diferenças significativas quanto ao sexo.

É importante frisar que no método de inclusão/exclusão o professor tem o papel fundamental para poder manusear e adaptar essa situação quando for necessária, ou seja, o professor tem que estar no controle de tudo, evitando qualquer tipo de preconceito. Como relata o sujeito, podemos observar pequenas falhas e acertos do profissional.

12- No entanto, algumas vezes, o professor quando percebia uma situação de exclusão, parava a aula e dava oportunidade para que eu me sentisse aceito. No entanto, suas ações não eram contínuas o fato dos outros alunos me afastarem, faziam com que o professor desistisse de me incluir.

16- Com relação a se sentir incluso, dessa vez o professor teve papel fundamental, era um panorama totalmente diferente do que vivenciei, porém dessa vez era separado a educação física dos homens e das mulheres e acabava sempre sendo prejudicado em

relação a limitação dos esportes, pois minha turma de 47 alunos , 9 era homens e o restante era mulheres.

Na fala do autor percebe se um relato onde a inclusão é de extrema importância para o crescimento do aluno e que o papel do professor é fundamental para esse processo. No que diz para Mantoan (2005).

A inclusão e educação inclusiva são respectivamente, a capacidade que o ser humano tem em se reconhecer no outro, pois a educação inclusiva acolhe todas as pessoas, sem exceção. A inclusão é para o estudante que apresenta algum tipo de deficiência seja ela física, de comprometimento mental, para qualquer tipo de necessidade.

A educação física tem o papel importante na construção do indivíduo, e hoje em dia ela vem ganhando bastante espaço, tanto no meio da educação quanto da saúde. A educação fica é uma área que vai além das quadras, é uma zona onde se caracteriza todo seu desenvolvimento corporal. Desse modo, é revelado nas falas a baixo uma perspectiva e trajetória durante todo o seu percurso.

18-O curso de Educação Física não foi a minha primeira escolha por esse e outros motivos, nunca me enxerguei nessa área de esporte ou de está dentro da sala de aula certamente por achar que não conseguiria.

19 - E hoje fazendo parte dessa área [da Educação Física], vejo que como profissional podemos ir além para que a educação física consiga sair da mesmice. Pois, ela tem muito a nos oferecer, aprendi juntos com professores referencias que juntos conseguimos a educação física que merecemos ter.

20-Com isso e todos os ensinamentos que eu tive no nível superior, eu como profissional, penso que irei de todas as formas evitar que outras pessoas sintam esse trauma que um dia eu sentir, colocando estratégias para fazer uma área permeada por compromisso e ética.

21-Acredito que, como professor, serei mais observador e atento com meus alunos, elaborando diversas formas para que não exista preconceito com eles e com a disciplina em si.

Podemos perceber no relato do sujeito que a educação física é uma disciplina que agrega bastante na vida do indivíduo e que o profissional tem o dever de criar esses laços, como relato este pensamento de Freire (2003, p.28).

Indaga que a Educação Física por suas especificidades seria uma disciplina bastante importante para as aulas, pois ela coloca o aluno diretamente com coisas práticas onde o mesmo lida diretamente com o corpo, gerando grandes laços com a vida além de ensinar a viver com sua coloca o jovem em contato direto com as coisas práticas, ensinando a viver com sua corporeidade.

A educação física é um fator primordial para uma educação seria e coletiva que possa ser compartilhada e vivenciada por todos sem diminuir e excluir ninguém. A educação física adaptada tem como meta de fornecer a inclusão de pessoas com deficiência em pratica de atividades físicas de desenvolvimento motor e psicomotor, principalmente no ambiente escolar, em que o professor e a escola possam andar juntos com os seus alunos. As Escolas Regulares e, conseqüentemente, os professores, têm sido requisitados para atender as mais variadas demandas da sociedade, o que requer conhecimento e metodologia próprios para a intervenção com cada clientela (SEABRA JÚNIOR; MANZINI, 2008). Dessa forma, podemos observar na fala do sujeito alguns momentos importantes que mostram o papel importante do professor.

16-Com relação a se sentir incluso, dessa vez o professor teve papel fundamental, era um panorama totalmente diferente do que vivenciei, porem dessa vez era separado a educação física dos homens e das mulheres e acabava sempre sendo prejudicado em relação a limitação dos esportes, pois minha turma de 47 alunos , 9 era homens e o restante era feminino.

17-Na minha turma também existia um aluno com deficiência, causando varias adaptações nas atividades tanto por conta da quantidade de homens quanto por conta desse meu colega.

Nesse estudo o sujeito afirma que o professor deve está preparado pra qualquer tipo de situação, tanto no ambiente, gênero dos alunos, quantidade como em uma pessoa física que possua alguma deficiência, causando movimento em seus outros determinados alunos Rodrigues (2006, p.41).

Afirma que “adaptar é adequar a exigência da tarefa ao nível de desempenho e desenvolvimento do aprendiz”. O processo de adaptação de uma atividade consiste em intervir sobre um conjunto de variáveis influenciando o seu maior ou menor grau de dificuldade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto no decorrer do presente estudo, conclui-se que os objetivos foram alcançados. O estudo sobre esse tipo de inclusão e exclusão, mostra que existe falhas nesse sistema educacional, mas que pode ter uma solução em questão da visibilidade que a educação física está tomando nos tempos de hoje.

No decorrer da pesquisa foram ressaltadas múltiplos aspectos onde mostram relatos significativos e de concordância do sujeito, fatos em que conta experiências durante sua trajetória estudantil, enriquecendo e assegurando veracidade em episódios citados, concretizando hipóteses verdadeiras em todo o estudo.

A necessidade dos jogos e brincadeiras no contexto da inclusão dentro da educação física é de extrema importância, pois é nessas atividades que o professor deve ganhar um destaque em suas estratégias inclusivas. Os objetivos gerais e específicos foram eminentes para esse estudo, tendo como relato na pesquisa que para uma educação física inclusiva e sem nenhum preconceito os jogos como metodologia é uma grande porta de saída pra esses pontos negativos na educação.

Diante disso, acreditamos que é possível acreditar em mudanças significativas nas aulas, e confiar na inclusão e no trabalho tanto dos professores, alunos, assim como de toda comunidade escolar. E que dessa forma, concretize-se esta educação cheia de pluralidade, e que assim construa-se a partir desta temática uma escola capaz de desenvolver um trabalho visando a diversidade dos sujeitos, capazes de interferir em seu meio modificando certas concepções e posturas de sua sociedade. Bem como a construção de uma escola capaz de formar pensadores, sujeitos ativos socialmente, conhecedores e críticos da atual sociedade, torna-se mais do que um objetivo, passando a ser essencial na prática pedagógica do professor. Neste sentido, urge a necessidade de uma ressignificação do processo educacional como um todo, partindo de uma perspectiva da inclusão social, aceitação do outro e respeito à diversidade

Assim, por meio desse estudo, nota-se que a metodologia utilizada foi bastante esclarecedora e atendeu todas as expectativas pesquisadas, enriquecendo fatores primordiais em relação inclusiva no meio escolar. Nesse sentido, esta pesquisa pode servir como base para o desenvolvimento de futuros trabalhos e tem como potencial servir de reflexão aos demais.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, J. S. Educação Inclusiva: Jogos para o Ensino de Conceitos. 1ª. ed. Campinas: Papirus Editora, 2004.

ANTUNES, C. *Novas Maneiras de Ensinar- Novas formas de Aprender*. Rio de Janeiro: Artmed, 2002, p.113-152.

AINSCOW, M. Education for all: making it happen. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 1995, Brimingham. Comunicação... 1995, p. 147-155. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1467-9604.1995.tb00031.x/abstract>>. Acesso em: 23 jun 2015.

BONETI, L. W. Estado e exclusão social hoje. In: ZARTH, P. (Org.). Os caminhos da exclusão social. Ijuí: Unijuí, 1988

BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO/CÂMARA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. Resolução nº 2, de 11 de setembro de 2001: Institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Diário [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 14 set. 2001a.

BRASIL. Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais 2. ed. Brasília, DF: Corde, 1997.

BRASIL, M.; OLIVEIRA, M.; CHUMLHAK, Z. et al. Associação entre in(satisfação) com a imagem corporal, estado nutricional e nível de coordenação motora em crianças e adolescentes de projetos esportivos. *Cinergis*, 16(2):82-86, 2015.

DENZIN, K.; LINCOLN, Y. S. *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks: Sage publications, 2000.

FERRAROTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, M. (Orgs). *O método (auto) biográfico e a formação*. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

FREIRE, João Batista. *Educação de Corpo Inteiro – Teoria e Prática da Educação Física*. São Paulo: Scipione, 1989, 224p.

FREIRE, P. Educação e atualidade brasileira. 3. Ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2003.

LOPES, M. S.; REIS, R. C. P.; SOUSA, S. M. N. Ser mulher: uma análise da imagem corporal entre adolescentes. Revista Espacios. Vol. 38 (Nº 29), pág. 3. Ano 2017.

MANTOAN, M. T. E. A hora da virada. Inclusão: Revista da Educação Especial, Brasília, v. 1, n. 1, p. 24-28. 2005.

MANTOAN, Maria Teresa Égler. "Inclusão é o privilégio de conviver com as diferenças". 2005.

MARQUES, M.I.; PIMENTA, J.; REIS, S. et al. (In) Satisfação com a imagem corporal na adolescência. Nascer e Crescer, v.25, n. 4, p. 217-221, 2016.

MOZZATO, A. R.; GRZYBOVSKI, D. Análise de Conteúdo como Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração: Potencial e Desafios. Revista de Administração Contemporânea, Curitiba, v. 15, n. 4, pp. 731-747, Jul./Ago. 2011.

OLIVEIRA, D. Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização. Rev. enferm. UERJ, Rio de Janeiro, out/dez; 16(4):569-76, 2008.

RIBEIRO, M.L.S. (2003) Perspectiva da Escola Inclusiva: Algumas Reflexões. In: RIBEIRO, M.L.S.; BAUMEL, R.C.R. de (Org.). Educação Especial – Do querer ao fazer. São Paulo: Avercamp.

RODRIGUES, David. **Inclusão e educação**: doze olhares sobre a educação inclusiva. São Paulo: Summus, 2006.

SEABRA JÚNIOR, M. O.; MANZINI, E. J. Recursos e estratégias para o ensino do aluno com deficiência visual na atividade física adaptada. Marília: ABPEE, 2008.

TUNES, E.; BARTHOLO, R. O trabalho pedagógico na escola inclusiva. *IN*: TACCA, M. C. V. R. (Org.). *Aprendizagem e Trabalho Pedagógico*. São Paulo: Alínea, 2006.

